

RESENHA

Os aspectos sociais dos vários conceitos de cultura e a tese da cultura como práxis

BAUMAN, Zygmunt. Ensaio sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 328 p.

Laryssa Custódio de França Pereira¹

A obra *Ensaio sobre o conceito de cultura*, cujo título original é *Culture as praxis* (Cultura como práxis) foi escrita por um Bauman anterior ao que se tornou célebre por versar sobre a liquidez da era moderna em vários domínios, com o uso de conceitos como amor líquido, sociedade líquida, entre outros. Na referida obra, composta originalmente por três capítulos, Bauman revisa o percurso do termo cultura nas ciências sociais, em uma complexa jornada que percorre desde a filosofia grega antiga até o pós-estruturalismo. O primeiro capítulo trata da cultura como conceito e enfatiza a notoriedade de sua inexorável ambiguidade e explana que, em função de circunstâncias históricas, o termo cultura foi incorporado a três *univers du discours* distintos: conceito hierárquico, conceito diferencial e conceito genérico.

Bauman introduz o conceito hierárquico de cultura, cuja origem remete à Grécia e à Roma antigas, citando o uso do senso comum arraigado na sociedade que concerne a distinção entre pessoas cultas (requintadas, educadas) e incultas. Vários fatores são necessários para explanar a noção hierárquica de cultura: 1) herdada ou adquirida, a cultura é parte do ser humano: partilha com a personalidade a qualidade de ser

essência definidora e característica existencial. Todavia, a cultura, apesar de suas peculiaridades, é uma propriedade, conseqüentemente, pode ser adquirida, dissipada, manipulada, transformada, moldada e adaptada; 2) a qualidade de um ser humano pode ser moldada, adaptada, mas também abandonada como uma terra inculta (o solo só dará bons frutos se for tratado por um agricultor competente que seleciona as melhores sementes, consoante metáfora de Plutarco); 3) A noção hierárquica de cultura é saturada de valor, a expressão só assume uma posição tendenciosa na discussão a respeito da comparabilidade ou relatividade das soluções culturais. Nesta conjuntura, o conceito só faz sentido se denotado como a cultura, no singular. Visto que, para o ponto de vista hierárquico, existe uma natureza ideal do ser humano e “a cultura” significa justamente o esforço necessário para atingir esse ideal, para alinhar o processo de vida concreto com o potencial mais excelso da vocação humana.

Bauman analisa que o ideal cultura-natureza dos antigos gregos não se subdividia nos domínios que atualmente estamos acostumados: o moralmente bom era ao mesmo tempo belo esteticamente e mais próximo da verdade da natureza. A unidade preordenada da realização

¹ Mestre em Direito pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

expressava-se no discutido conceito de *kalokagathia* (belo e bom), tratado por todos os pensadores do período clássico. A segunda parte do conceito é um adjetivo que corresponde grosseiramente às palavras admirar e louvar.

Quanto a questionabilidade inata da noção hierárquica de cultura em geral, e em particular da *kalokagathia*, Bauman enfatiza que Gellner analisou o fenômeno da bobilidade (*bobility*) que, do ponto de vista sociológico, significa um artifício através do qual a classe privilegiada adquire parte do prestígio de certas virtudes respeitadas nessa sociedade em questão, sem a inconveniência de ter de praticá-las. Há uma correspondência íntima entre o conceito de ideal cultural do tipo bobilidade e o raciocínio intrínseco à lógica estruturalmente determinada dos processos vivos, todavia, ressalta que a avaliação do papel desempenhado pela noção hierárquica em uma sociedade conflituosa depende do arcabouço estrutural de referência que for selecionada. Afinal, os conflitos concernentes a noção hierárquica de cultura também podem transmitir o descontentamento dos grupos mais marginalizados. Porém, modernamente, o conceito hierárquico não está mais relacionado à antiga *kalokagathia*, porquanto o intelecto e o dinheiro podem levar a mobilidade social ascendente e, para Bauman, a cultura em sua noção hierárquica foi reinventada em benefício dos eruditos e intelectuais.

A cultura como conceito diferencial é um termo aplicado com o intuito de explicar diferenças visíveis entre comunidades de pessoas, em uso que situa tal conceito entre conceitos residuais, muitas vezes elaborados em ciências sociais para invalidar o sedimento de idiosincrasias desviantes que não pode dar conta de regularidades que, de outra forma, seriam universais e onipotentes. Este conceito desenvolve a ideia de que a cultura é a principal responsável pelos diferentes destinos de povos dotados do ponto de vista genético e confrontados por um conjunto semelhante de oportunidades econômicas. Historicamente antropólogos utilizaram o elemento diferencial para desenvolver suas pesquisas, compreender

e divulgar as verdades das culturas de outros grupos sociais.

O terceiro e último conceito de cultura abordado por Bauman no primeiro capítulo é o conceito genérico. Enquanto a noção hierárquica de cultura evidencia a antítese entre formas de cultura refinadas e grosseiras (assim como a ponte educacional entre elas) e a noção diferencial de cultura é simultaneamente um produto e um sustentáculo da preocupação com as oposições entre os diferentes modos de vida dos vários grupos humanos, a noção genérica é formulada ao redor da dicotomia mundo humano-mundo natural. O conceito genérico está relacionado com as fronteiras do homem e do humano, pois concerne aos atributos que unem a espécie humana ao distingui-la de tudo o mais. O que se procura não é uma unidade biológica, pré-cultural, mas o alicerce teórico da relativa autonomia e peculiaridade da esfera cultural. Em sua forma mais simples, a noção genérica atribui a própria cultura a qualidade de característica universal de todos os seres humanos e apenas destes, sendo uma das diferenças entre humanos e animais: a cultura, mais do que um agrupamento de normas e costumes, é uma abordagem específica e humana do teatro da vida, arraigada na habilidade específica da mente humana. Outros proponentes do conceito genérico de cultura estão mais próximos da abordagem tradicional do denominador comum, apesar de estarem situadas no contexto da passagem histórica do mundo animal para o humano.

O segundo capítulo do livro trata da Cultura como estrutura. Primeiramente, enfatiza-se que estrutura é um antônimo de estado de desordem e pode ser definida como um agrupamento de regras de transformações de (e entre) um conjunto de elementos inter-relacionados. Assim que as transformações originadoras de eventos definidas em um espaço de eventos possíveis são submetidas a regras, o quadro de ocorrências concretas é um subconjunto limitado do universo de possibilidades total. Bauman enxerga a estrutura como o ordenamento das inter-relações dentro de uma sociedade; a ausência dessa estrutura equivale à desordem e impossibilita

uma dinâmica sociocultural com os homens. O papel desempenhado pela noção de estrutura na lógica da ciência moderna revive vários debates essenciais relacionados à natureza da cognição e dos conhecimentos.

Em suma, o sociólogo polonês conclui que a estrutura buscada pela compreensão estruturalista da cultura é o conjunto das regras geradoras, selecionadas historicamente pelos seres humanos, que governam a um só tempo a atividade mental e prática do indivíduo como ser epistêmico, bem como o conjunto de possibilidades em que essa atividade pode operar. Quando o referido conjunto de regras se condensa nas estruturas sociais, ele parece ao indivíduo uma necessidade transcendental semelhante a lei; graças à sua inesgotável capacidade de organização, é vivenciado pelo mesmo indivíduo como sua liberdade criativa. Ambos os elementos da experiência humana fundamental (sua existência e sua essência, suas modalidades objetiva e subjetiva) crescem, em última instância, a partir do mesmo tronco; e por isso é importante rastrear o seu passado. Bauman acreditava que a abordagem estrutural da práxis humana proporciona uma nova oportunidade de solução satisfatória para o paradigma da estrutura social-cultural. Afinal, apesar das diferenças entre as numerosas definições possíveis de cultura e de estrutura social, os dois conceitos sempre que aparecem como antônimos, são racionalizações da natureza dual, constante e comumente vivenciada pela condição da humanidade.

O terceiro capítulo de Bauman aborda a cultura como práxis com intento desenvolver a tese de que a controvérsia sobre cultura-estrutura social pertence à família dos temas oriundos da experiência básica da natureza dual da condição humana. Depois de mais uma análise das ideias básicas atinentes aos diversos usos do termo cultura ou correlatos, Bauman conclui que, apesar do termo cultura aparentar pertencer a uma família de conceitos oriundos da parte interna da experiência universal da dualidade do mundo, se difere dos seus parentes na tentativa de transcender a oposição entre o subjetivo e o objetivo. Independentemente de

como seja definida ou descrita, o âmbito cultural invariavelmente se acomoda entre os dois polos da experiência básica: simultaneamente é o sustentáculo objetivo da experiência subjetivamente significativa e a apropriação subjetiva de um planeta que de outra forma seria desumanamente esquisito.

A cultura, vista em termos universais, age no ponto de encontro do humano com o mundo que ele apreende ser real. Portanto, o conceito de cultura é a subjetividade objetificada. É um esforço para compreender o modo como uma ação individual é capaz de possuir uma validade que ultrapassa o caráter individualista e como a realidade existe por meio de múltiplas interações individuais. Bauman defende que o conceito de cultura, quaisquer que sejam suas elaborações específicas, pertence à família dos termos que representam a práxis humana. O conceito de cultura, portanto, transcende o dado imediato, ingênuo, da experiência privada – a natureza inclusiva e autossustentável da subjetividade. O nível de sofisticação a que ele eleva a autopercepção da condição humana é retirado do solo plano da ingenuidade de senso comum pela diferença quantitativa entre indivíduo e comunidade humana.

Posteriormente Bauman inicia a abordagem acerca da relação entre cultura e natureza com a teoria de Lévi-Strauss (o qual, em busca da universalidade entre todas as formas de cultura, inicia seu estudo antropológico com a proibição do incesto porque constitui o ponto de encontro mais evidente entre natureza e cultura), trata do nojo e do tabu social relativos aos produtos das necessidades fisiológicas humanas e chega na fronteira entre “nós” e “aqueles”, a qual pode impulsionar forte sentimento de xenofobia ou preconceito contra os marginalizados quando trata o outro com ojeriza. Neste caso o outro é enxergado como viscoso, termo muito utilizado durante a parte final do livro para se referir a ambiguidade que pode ser enxergada no estranho, forasteiro. Todavia antes da percepção humana da viscosidade existe a práxis. A relação entre ambas fornece um projeto que propicia uma pesquisa rica e descobertas significativas. A perspectiva

advogada no livro sugere a reorganização de numerosas descobertas adquiridas sob outros arcabouços analíticos, porém, em parte, ela necessita do estabelecimento de um novo projeto, o que ultrapassa o volume do estudo em comento.

Por fim, Bauman trata de cultura e sociologia, avaliando extensamente as formas como esta estudou o campo cultural ao longo de sua jornada científica e chega ao entendimento de que a cultura é singularmente humana, pois apenas os seres humanos podem reivindicar um significado mais profundo. As normais e ideais oferecem a única perspectiva a partir da qual essa condição é vista como a realidade humana e adquire dimensões humanas. O professor polonês sugere que esta perspectiva deve ser adotada pela sociologia para ascender ao plano das humanidades, além de ser ciência e assim resolver um antigo dilema. Apenas então a sociologia poderá entrar em contato direto com a práxis humana. Bauman enxerga a cultura como a inimiga da alienação (através da cultura, o humano se encontra em um estado de revolta constante), pois a cultura liberta e proporciona que sejam abertas as portas para uma multiplicidade de realidades no despertar de vontades e desejos anteriormente proibidos. Assim, à medida em que a práxis humana retém sua natureza de revolta incontrolável as profecias de um mundo sem significado podem ser desvalorizadas.

Para a reedição realizada quase três décadas após a publicação da obra em análise, Bauman escreveu uma introdução na qual analisa e atualiza o livro em comento com uma melhor compreensão acerca das transformações constantes da cultura e da sociedade, além de abordar algumas temáticas como multiculturalismo. Quanto às atualizações promovidas por tal introdução, podemos destacar que a cultura agora é compreendida como agente de ordem e instrumento de desordem. O paradoxo da cultura pode ser reformulado com o entendimento que o que serve para a preservação de um padrão também enfraquece seu poder, pois a cultura se autoperpetua na medida em que o impulso de modificar, alterar e substituir o padrão se perpetua (2012, p.18).

Porém, é mister comentar que Bauman

atualizou e adaptou sua visão de cultura à sua teoria que versa sobre a liquidez da modernidade no livro *A Cultura no Mundo Líquido*, originalmente publicado em 2011, o qual já trata da cultura em consonância com assuntos mais concernentes a sociedade de consumo e ao fenômeno da globalização. Neste livro, com o usual pessimismo do autor quando disserta acerca da modernidade líquida (expressão com a qual denomina o formato atual da condição moderna), Bauman compreende que a cultura foi transformada de estimulante em tranquilizante: a perda de posição da cultura foi resultado de uma série de processos que transformaram a modernidade de sua fase sólida para a líquida e assim a cultura passou a servir à manutenção do equilíbrio do sistema, ao status quo e a reprodução monótona da sociedade (2013, p.12).

Ou seja, a visão de Bauman sobre cultura passou a se tornar bastante pessimista em oposição ao final otimista de *Culture as praxis*. Todavia, acreditamos que, apesar da menor tendência à revolta do mundo atual, a cultura ainda pode servir sim para uma abertura que impulse mudanças. Reflexo disso é que a luta feminista pode ser enxergada na sociedade moderna em músicas, livros e até no audiovisual (com o impacto no mundo concreto de ser maior o número de mulheres que não se calam diante do machismo), assim como também alguns questionamentos da luta de classe, por exemplo. Nesse âmbito podemos citar a série *The handmaid's tale* (baseada no Conto da aia de Margaret Atwood), o filme brasileiro *Que horas ela volta* e até a obra juvenil *Jogos vorazes*, inspirada no clássico 1984 de George Orwell. Além de que alguns artistas, como Criolo e.g., compõem músicas questionadoras acerca da sociedade atual. Ademais, hoje existem territórios como a internet que proporcionam que manifestações culturais fora do circuito midiático sejam difundidas. Contudo, apenas um estudo sociológico mais aprofundada dos fenômenos culturais hodiernos em seu aspecto de revolta poderia proporcionar uma maior noção do impacto que eles podem produzir, pois, entre vários aspectos a serem considerados, Bauman

estava certo ao dissertar como a sociedade de consumo tranquiliza a cultura ao transformá-la em produto a ser consumido, exemplo disso são as roupas *punk* que originalmente foram concebidas com o intuito de protesto e hoje são frequentemente utilizadas apenas como meras roupas “descoladas”.

A partir do estudo dos três conceitos elaborados no primeiro capítulo do livro objeto da presente resenha, podemos destacar que o conceito hierárquico ainda é bastante presente. *Verbi gratia*, mesmo dentro da música popular – que, em tese, é menos “refinada” que a música clássica, apesar de autores como Peter Häberle já destacarem que as culturas não-eruditas também podem ser um solo frutífero para a alta cultura, sendo um exemplo que atualmente os Beatles se tornaram um clássico (HÄBERLE, 2016, p.20) – há uma clara distinção de “status” entre vários expoentes. Neste contexto, pode-se citar a distinção de refinamento que existe entre a tropicália e o sertanejo, no qual o primeiro gênero é notoriamente considerado mais requintado do que o segundo, mesmo que os ingressos para um show deste possam ser mais caros do que os de um concerto de um artista do movimento tropicalista. Trata-se de um retrato da aplicação da intelectualidade na noção hierárquica modernamente, mesmo que o aspecto monetário também possa ter impacto dentro de tal noção.

Quanto ao conceito diferencial, é interessante notar que Bauman já observava fatores como os que inspiraram Canclini a escrever o livro *Culturas Híbridas* (Cf. CANCLINI, 1990) que trata justamente da mistura entre culturas e como a globalização influenciou neste fenômeno. É digno de destaque que durante toda a obra analisada nesta resenha florescem as preocupações de Bauman que transcendem o mero formalismo acadêmico, as quais podemos exemplificar na forma como ele utilizou a relação entre cultura e natureza para criticar a xenofobia e mesmo o preconceito que as elites costumam ter contra as classes marginalizadas. Todavia, apesar da obra examinar pormenorizadamente os vários conceitos de cultura, trata-se de termo tão complexo e multifacetado que o aprofundamento

– e atualização – de várias questões necessitam de novos estudos.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar y salir da modernidad*. Ciudad de México: Editorial Grijalbo, 1990.

HÄBERLE, Peter. *Constituição “da Cultura” e Constituição “Como Cultura”: um Projeto Científico para o Brasil (2008)*. RDU, Porto Alegre, Volume 13, n. 72, 2016, 9-32, nov-dez 2016. p. 20.